

Como as mimoseiras! Das bibliotecas e dos leitores.

Edmir Perrotti

(Escola de Comunicações e Artes da USP)

Se leitura é delícia, deleite, prazer- e não deve estar descartada disso a *leitura dever*, já que há dever chato, não tão chato, nada chato, um pouco chato e até... dever gostoso!-, a leitura é, também, tempo e espaço, transcorre sempre numa hora e num lugar. Quem, nos tempos de criança, teve a mesma sorte da menina Clarice Lispector, de encontrar as *Reinações de Narizinho*, do Lobato, sabe de que estou falando, além de ter ganho a sorte grande. Sabe o que é o tempo da permanência. Aquele que fica guardado não só na memória, mas no coração, no sangue, nas entranhas, feito um sopro. E, no caso da Lispector (e também da Lygia Bojunga, outra que teve um caso de amor com as *Reinações*), o “reino das águas claras” ficou tão impregnado que acabou transformando-se em novas e fascinantes reinações literárias. Não bastou ler. Foi preciso também escrever, inventar e compartilhar mundos, alimentando, assim um grande e encantado bordado, tramado desde as mais afastadas épocas. Sempre ele, pois, o senhor tempo.

Mas não há tempo sem espaço. O Proust diz que não existe nada mais forte que as lembranças das leituras da infância. E que as lembranças dele estão ligadas a um sótão. Era lá que ele se “escondia”, para viajar nas histórias, tal como o Bastian, menino da *História sem Fim*, que se esconde num sótão para viajar nas possibilidades infindas das narrativas.

O leitor que se apaixona por uma história, viaja por territórios que se colam a ele e que ele não quer largar, de jeito nenhum. Os sótãos de Proust, de Bastian são lugares quase sagrados, especiais, superprotegidos e protetores. Estão longe dos incômodos que às vezes atrapalham a gente no melhor da história. Talvez, por isso, todo leitor que se preze é uma espécie de- desculpem o termo!- capataz intransigente de territórios que cultiva. Quando abre as portas para outros, jamais as escancara, além de exigir respeito e circunspeção dos visitantes. Se estes assim não procederem, como num ritual, não hesitam, com razão, em expulsá-los, por desrespeito às regras. Onde já se viu! Quem não se lembra do Quixote em territórios povoados de moinhos de vento? Seu cérebro fervia, sua alma resplandecia.

E como é frustrante deixar territórios conquistados, sair do sótão, chegar ao final de um livro apaixonante, não é mesmo? Como diz a Clarice, da *Felicidade Clandestina*, dá vontade de ir à cozinha, comer pão com manteiga, só pra gente adiar o desfecho, a chegada na estação terminal. “- Ponto final!”, anuncia com indiferença o cobrador. E a gente ali, sofrendo, sabendo que não chegou, que quer e que precisa chegar! “Eliminem-se os pontos finais”, eis bandeira que mereceria ser defendida em eleições de todos os níveis. O consolo é que as histórias terminam nos livros, mas continuam com a gente... muitas vezes, pra sempre. Assim, a gente pode passear à vontade nos territórios que criou, nas negociações que fez com o autor e os signos que nos ofereceu. O texto é um território livre! “A poesia pertence ao leitor”, decreta o carteiro, diante do Neruda de *O carteiro e o poeta*. Exagero? Sem nenhuma dúvida. Mas que o texto não é só do autor, ah, isso não é mesmo. Não é, caro leitor? O que será que você estará pensando deste texto que está lendo? Onde o estará lendo? Está lendo às pressas, devagar, como? Nunca saberei.

Sempre achei o máximo o Sartre menino, lendo debaixo da mesa. Não sei por que, mas essa imagem sempre me encantou e encanta. O neto próximo do avô, gostoso, protegido, mas, ao mesmo tempo, num mundo só seu, que ninguém podia invadir, tomar dele. Será por isso que ele se tornou tão solidário, entrando do jeito comprometido e bonito que sempre entrou em brigas por justiça, liberdade e direitos? Não sei, mas que eu gostaria muito de proteger assim minha neta, que ela criasse esse território só dela e pudesse aí ser livre, como eu gostaria.

A Esmeralda Ortiz, jovem autora do belo *O diário de rua* (Ed. Salamandra), diz que quando angustiada, nas trevas da Febem, “recorria a uma ilha deserta” dentro dela “e, sempre que os monitores me impunham um castigo ou me humilhavam, eu ficava quieta e fechava os olhos para chegar nessa areia macia, onde eu via uma árvore e descansava à sua sombra”. Lindo, não é? Ter uma pátria de onde jamais seremos expulsos: “tinha, diante de mim um refúgio secreto, no qual ninguém, jamais, conseguiria proibir minha entrada. Mesmo nos momentos de muita opressão e angústia, eu continuava livre”, ensina a Ortiz.

Construí meu refúgio no quintal de minha casa, numa árvore. Passava tardes e tardes protegido pelo amarelo de uma mimosa- ou mimoseira?- em flor. Dizia minha mãe que o nome da árvore era este. Não sei, mas como desconfio que foi ela que a plantou... Eu colocava o livro num dos galhos e subia na árvore; depois, punha num galho mais alto, subia mais alto, até chegar bem lá em cima. Vai ver que por isso gostei tanto quando encontrei a Cecília Meireles dizendo: “no último andar é mais bonito. De lá, avista-se o mar”. É verdade, de lá eu vislumbrava todos os oceanos, mergulhava no Atlântico, no Pacífico, no Índico. Surfava em todas as ondas, descansava em distantes ilhas, alcançava Pasárgada e podia ser amigo do rei. Foi de lá que saí como o Marco Polo e fui aos portos mais distantes, acolhedores, perigosos, fascinantes. “No último andar” onde eu me instalava, o espaço *da* leitura e o espaço *na* leitura se encontravam. Se foi minha mãe que plantou a mimoseira, desconfio que ela encontrou assim um modo de repartir belezas que dizia ter encontrado nas histórias que leu. Ela vivia nos falando das “Maravilhas de um reino selvagem”. Nunca encontrei o livro, mas será que lá tinha mimosas? Quem saberá, não é?

Mas isso pouco importa. Importa mesmo que as bibliotecas sejam como os sótãos, os “sob as mesas”, as mimoseiras. Lugar de beleza e mistério, de encantamento e investigação, de acolhimento e projeção, de ocultamento e aparição. Belas e radiantes, as bibliotecas devem projetar, dar acesso ao “último andar”, ao conhecimento, à sabedoria, à cultura.

Sejam pessoais, escolares, públicas, grandes ou pequenas, infantis ou de adultos, dotadas só de livros ou, ao contrário, diversificadas, com computadores, tevês, dvds e outros recursos dos dias de hoje, as bibliotecas têm que ser sempre lugar de perdas e de encontros, de emoção e pensamento, de navegação e de ancoradouro, de chegada e de partida. Na configuração específica de cada uma, nas singularidades que as distinguem, devem vibrar e fazer vibrar; ser calmas e acalmar; ser projetadas e construídas com dedicação e arte; projetar e construir sujeitos singulares e cidadãos plurais. As bibliotecas, quando vivas, acolhedoras, instigantes, múltiplas conferem humanidade a nós e nos ajudam a imprimir humanidade no mundo. São como os sótãos de Proust e de Bastian, o “sob a mesa”, do

Sartre, minha bela e amarela mimoseira: refúgio e plataforma de lançamento nos riscos do mundo.

COLABORI